

Para Sysse Engberg, heroína e mãe

PRÓLOGO

As ampolas de vidro transparente estavam no armário trancado ao lado das seringas descartáveis e dos respetivos contentores — morfina e *OxyContin* para as dores fortes, propafenona para as arritmias cardíacas e o anticoagulante *Pradaxa*, selado com segurança em pequenas caixas e envolvido em plástico transparente: medicação convencional no departamento de Cardiologia do Hospital Nacional de Copenhaga, caminhos para o alívio e para uma melhor qualidade de vida, às vezes até mesmo para uma cura.

A enfermeira lançou um rápido olhar sobre os medicamentos e fez contas de cabeça. Quanto pesaria ele? O peso do paciente estava indicado no quadro branco na cabeceira da cama, mas ela estava demasiado exausta para o ir verificar.

A noite tinha-se arrastado por uma eternidade. Pouco antes de o turno terminar, no dia anterior, alguém ligara a dizer que estava doente e ela acabou por ter de fazer um turno duplo. Em vez de passar uma noite em casa com a família, trabalhou durante quase dezasseis horas. O seu cérebro ecoava sinais de alarme, solicitações e perguntas de pacientes ansiosos. Os pés doíam-lhe nos sapatos ergonómicos e o seu pescoço estava rígido.

Bocejou, esfregou os olhos e observou o seu reflexo na porta de metal brilhante do armário de medicamentos. Nenhuma mulher de 32 anos deveria ter olheiras crónicas. Este trabalho estava a esgotá-la.

Faltava apenas uma hora para o fim do seu turno e ela poderia ir para casa dormir, enquanto as crianças se levantavam e comiam *Coco Pops* em frente à televisão.

Selecionou três ampolas, colocou-as no bolso da bata e trancou o armário atrás dela. Três ampolas de 10 ml de ajmalina, de 50 mg/ml, bastariam. O paciente não pesaria mais de 68 quilos, mais ou menos, o que significava que 30 ml do medicamento antiarritmias seria o dobro da dose máxima recomendada. O suficiente para lhe causar uma paragem cardíaca imediata e libertá-lo do seu sofrimento. *E de todos nós*, pensou ela, saindo pelo corredor vazio pela manhã em direção ao quarto número oito. O velhote era exigente. Era mal-educado e rude, e queixava-se de quase tudo, desde o café fraco do hospital até à arrogância dos médicos. Toda a enfermaria estava cansada da sua rabugice.

Ela sempre fora do tipo de dizer o que pensa e agir perante qualquer situação, nada que a tornasse popular, mas que mais poderia fazer? Ficar de braços cruzados e queixar-se dos rácios de pessoal e da escassez de camas como os seus colegas? De forma alguma! Não se tornara enfermeira apenas para servir café e fazer curativos. Ela queria fazer a diferença.

Uma empregada de limpeza, de lenço na cabeça e expressão abatida, empurrava o carrinho pelo corredor sem levantar os olhos do piso de linóleo. A enfermeira passou por ela com as ampolas escondidas no bolso. O seu ritmo cardíaco acelerou. Em breve, atuaria, utilizaria toda a sua competência e tentaria salvar uma vida. A antecipação começou a palpitar nela, como se tivesse pulsação própria, uma vida para contrabalançar o vazio que normalmente a preenchia. Nesse momento, seria indispensável. As expectativas seriam altas, muito dependia de si. Nesse momento, ela seria Deus.

Trancou a porta da casa de banho dos funcionários, limpou rapidamente as mãos e a bancada ao lado do lavatório com álcool e colocou as ampolas de ajmalina cuidadosamente lado a lado.

Com dedos experientes, removeu a seringa descartável da sua embalagem e puxou o êmbolo para retirar o remédio, sacudindo-o por instinto, para se certificar de que não continha bolhas de ar. Amassou a embalagem numa bolinha e enfiou-a no fundo do caixote do lixo. Depois, com a seringa escondida no bolso da bata, abriu a porta.

Diante da sala oito, lançou um olhar discreto para o corredor; não havia sinal de colegas ou pacientes em direção à casa de banho. Empurrou a porta e entrou na escuridão. Um ronco baixo vindo da cama informou-a de que o paciente estava a dormir. Poderia trabalhar em paz.

Aproximou-se da cama, olhando para o velhote, deitado de costas com a boca ligeiramente aberta. Grisalho, ossudo e seco, com uma pequena bolha de saliva no canto da boca, um leve tremor involuntário nas pálpebras. *Existe algo, pensou, mais supérfluo neste mundo do que velhos rabugentos?*

Abriu a tampa do cateter venoso que adornava as costas da mão dele e tirou a seringa do bolso. Acesso direto ao sangue que flui para o coração, porta aberta para a ponta do dedo estendido de Deus.

O bom da ajmalina é que age rapidamente; a paragem cardíaca ocorreria quase instantaneamente. Ligou a seringa ao cateter, sabendo que apenas teria tempo de a esconder antes de que o alarme do monitor fosse ativado.

O paciente mexeu-se um pouco durante o sono. Ela acariciou-lhe suavemente a mão. Depois, empurrou o êmbolo completamente.

AGRADECIMENTOS

Obrigada!

Este livro foi escrito com o mais profundo respeito e gratidão por todas as enfermeiras, médicos, assistentes sociais e professores que — em condições que nem sempre são ótimas — cuidam dos nossos doentes, especialmente das crianças e adolescentes que têm vidas difíceis. Vocês são uns verdadeiros heróis da sociedade!

De todo o meu coração, o meu mais profundo agradecimento aos meus leitores, que gastaram tempo e dinheiro nos meus livros. É um privilégio que nunca tomarei como garantido. Para os muitos que me escreveram a partilhar as suas críticas, elogios e pensamentos comigo — não consigo expressar o quanto isso significa para mim. Obrigada!

O antigo detetive da Polícia de Copenhaga Sebastian Richelsen ajudou-me com o trabalho policial, e o professor Hans Petter Houten, do Departamento de Medicina Legal da Universidade de Copenhaga, ajudou-me com detalhes sobre sangrar até à morte e autópsia.

Obrigada ao curador Adam Bencard do Museu Médico pela a inspiração para a arma do crime e conhecimento geral do corpo humoral.

Obrigada a Henrik Stender pela dica acerca dos arcos da Estação Vesterport.

Agradecimentos calorosos à Dra. Helle Skovmand Bosselmann e à enfermeira Lis Krahn pela ajuda na descrição da vida quotidiana no departamento de cardiologia.

A Signe Wegmann Düring, médica chefe, PhD, especialista em psiquiatria, por ser uma excelente parceira de formação em doenças mentais e psicofarmacologia.

E a Mette Juul Rasmussen, enfermeira-chefe da Clínica de Psiquiatria Pediátrica do Hospital Roskilde, que me ajudou muito na génese deste livro. Obrigada pelas informações completas e pela inspiração que me concedeu. É reconfortante saber que especialistas competentes cuidam das nossas crianças.

Duas pessoas leram este livro muito antes de estar concluído e forneceram *feedback* e apoio inestimáveis. A minha gratidão a Timm Vladimir e a Sara Dybris McQuaid por dedicarem o seu tempo quando era mais importante. Obrigada também a Sysse Engberg e Anne Mette Hancock pelo vosso apoio e incentivo.

À incrível Agência Solomonsson, pelos seus diligentes esforços na divulgação da minha escrita. Um agradecimento especial ao meu agente, Federico Ambrosini, também por me ter «emprestado» o seu nome.

À minha editora dinamarquesa, Birgitte Franch, firme, mas gentil, cujos olhos aguçados são indispensáveis aos meus livros. Um profundo agradecimento a todos na Scout Press por me receberem com tanto entusiasmo e me fazerem sentir absolutamente em casa — Jen Bergstrom e Jackie Cantor, em particular, pela vossa confiança em mim e por todo o vosso trabalho árduo.

A Cassius e Timm por serem a luz e as cores da minha vida. Amo-vos.